



Preconceito e intolerância: considerações sobre a obstinação e a obsessão

Edith Modesto*

Resumo: No presente artigo, retomamos o assunto da nossa tese de doutoramento em que trabalhamos o percurso narrativo de rejeição ou de aceitação de mães heterossexuais de filhos(as) homossexuais e as consequências passionais resultantes desse vínculo construído entre mães e filhos. Partimos do pressuposto, permitido pelo nosso trabalho de campo no GPH – Grupo de Pais de Homossexuais, de que as mães sentem dificuldade de aceitação de seus filhos homossexuais. Especificamente, analisamos depoimentos presenciais e não presenciais dessas mães, cuja temática é a homossexualidade de seus filhos. A partir desse corpus, levantamos e organizamos algumas paixões decorrentes dos processos de aceitação da condição sexual dos filhos desses sujeitos, considerando o relacionamento conflituoso que se estabelece entre mães e filhos. Na enunciação, está, principalmente, o “narrador” (mãe), construído pelas apreciações e interpretações discursivas, que indicam um ponto de vista do “observador discursivo”. Desse modo, pesquisamos o tipo de interação semiótica entre os sujeitos, mães e filhos. Escolhemos, para análise, neste trabalho, o preconceito e a intolerância, além de paixões características desse percurso: o “desespero”, a “obstinação” e a “obsessão”, por hipótese, configurações temático-figurativas e passionais, relacionadas à enunciação e às formações discursivas e sociais. Além disso, exemplificamos a diferença semiótica entre a paixão do desespero, a obstinação e a obsessão, paixões recorrentes nos depoimentos examinados.

Palavras-chave: paixões, preconceito, desespero, obstinação, obsessão

Introdução

Neste artigo, retomamos o assunto da nossa tese de doutoramento – *Homossexualidade: Preconceito e Intolerância – Análise semiótica de depoimentos*¹ – em que trabalhamos especificamente o percurso narrativo de rejeição/aceitação de mães heterossexuais de filhos²

homossexuais e as consequências passionais resultantes desse vínculo construído entre mães e filhos.

Os discursos examinados são depoimentos, cuja temática é a diversidade afetiva e sexual, mais especificamente da homossexualidade. Os depoimentos estão em primeira pessoa, geralmente se desenvolvem num tempo anterior ao da enunciação, isto é, no passado, e são muito subjetivos, propiciando a manifestação de paixões.

Segundo Landowski (1992, p. 166-167), o sentido e o sujeito – ele próprio um efeito de sentido –, se constroem mutuamente, e, por eles, podemos chegar à interação entre sujeitos, produtores do sentido, assim como às modalizações pelo /querer /dever/ saber/ poder/ fazer, e seus papéis actanciais e temáticos.

¹ Prêmio “Tese Destaque USP”, primeiro lugar de sua área, no concurso efetuado pela Reitoria de Pós Graduação da Universidade de São Paulo, em outubro de 2011. Orientação da Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros.

² Considerando que a marca do masculino em Português é também a marca do genérico, para maior comodidade de leitura, usaremos “filhos” significando “filhas” e “filhos”.

Neste trabalho, na enunciação, como actante em cena, está, principalmente, o “narrador” (mãe), construído pelas apreciações e interpretações discursivas, que indicam um ponto de vista do “observador discursivo”. Desse modo, pesquisamos o tipo de interação semiótica entre os sujeitos, mães e filhos.

Partimos do pressuposto, permitido pelo nosso trabalho de campo no GPH – Grupo de Pais de Homossexuais³, que as mães sentem dificuldade de aceitação de seus filhos homossexuais. Escolhemos, para análise neste trabalho, o preconceito e a intolerância, além de paixões características desse percurso: o “desespero”, a “obstinação” e a “obsessão”, por hipótese, configurações temático-figurativas e passionais, relacionadas à enunciação e às formações discursivas e sociais.

Considerando que a paixão não pode ser traduzida totalmente como “competência para fazer”, segundo Greimas e Fontanille (1993, p. 62, 63), diremos que a paixão equivale a um sentimento que pode desencadear ações. O “preconceito”, por seu lado, será considerado uma paixão de malquerença relacionada principalmente ao /crer/ e ao /saber/, e pode desenvolver outras paixões, de menos tensas até as mais tensas, impulsionar atos intolerantes de “não benquerer” e de “malquerer” propriamente ditos.

Por exemplo, a mãe preconceituosa crê que o filho é heterossexual e que esse é o modo correto de ser, de acordo com um simulacro de contrato social anteriormente estabelecido. Quando ela descobre a homossexualidade do filho, instaura-se um sentimento de falta, um choque entre o /querer-ser-conjunto/ (com o que é socialmente correto, um objeto de valor para aquele sujeito), sempre presente nos sujeitos, e o /dever-ser-conjunto/, pois ser heterossexual é uma condição sexual normativa, somada ao /saber-não-ser-conjunto/, que causa a falta. Esse sentimento de falta tem como consequência paixões de “não benquerer”: o “descontentamento”, a “insatisfação” em relação ao outro e a “frustração” pela perda do valor “ser heterossexual”.

Essas paixões de “não benquerer”, que são menos tensas, podem se intensificar em paixões de “malquerer” (“suspeita”, “aversão”, “ódio”, entre outras) que levam a atos intolerantes (de “exclusão”). Entretanto, o sujeito

também pode passar a ter paixões de “conformação”, “resignação” ou “indiferença”, ou seja, paixões de “não malquerer”, o grau mais baixo possível de aceitação. O “não malquerer”, embora contenha algo de aceitação, ainda é um preconceito atenuado. Assim, como veremos ao longo deste trabalho, as paixões de “não malquerer” podem levar tanto a atos de aceitação como a atos de rejeição.

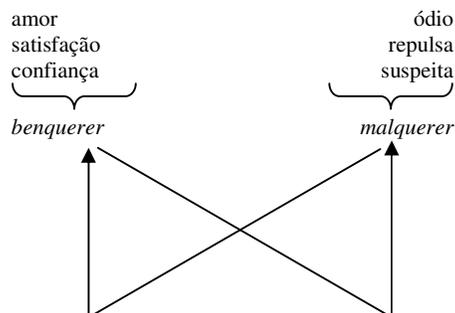
O preconceito tem, portanto, uma fase passional (sentimentos de não benquerer e de malquerer), que pode desencadear uma fase acional (atos intolerantes). O sentimento de falta (ou seja, a falta de ter um filho heterossexual) dispara paixões de “não benquerer” que, nos sujeitos modalizados pelo /poder-fazer/ mal e pelo /querer-fazer/ mal, levam a atos intolerantes. As paixões mais tensas de “não bem querer” e de “malquerer”, como o “desespero”, podem levar a atos cada vez mais intolerantes (ver figuras 1 e 2).

Neste artigo, após os exemplos de paixões de malquerença e benquerença e exemplos de ações de rejeição e aceitação, pretendemos mostrar o preconceito como uma paixão de não benquerer que, entre outras, pode desenvolver as paixões do “desespero”, da “obsessão” e da “obstinação”.

1. Paixões de malquerença / benquerença e atos de rejeição / aceitação

Algumas denominações de paixões de benquerer e malquerer, assim como as de ações de rejeição e aceitação, em graus de aspectualidade, estão exemplificadas nos gráficos a seguir. Do lado direito, fazendo parte de paixões de malquerer e de não benquerer, estão algumas paixões desencadeadas pelo “preconceito”:

Paixões de malquerer/benquerer



³ Site do Grupo de Pais de Homossexuais: <www.gph.org.br>.



Figura 1 – Adaptada de Modesto, E. (2010)

Atos de rejeição/aceitação

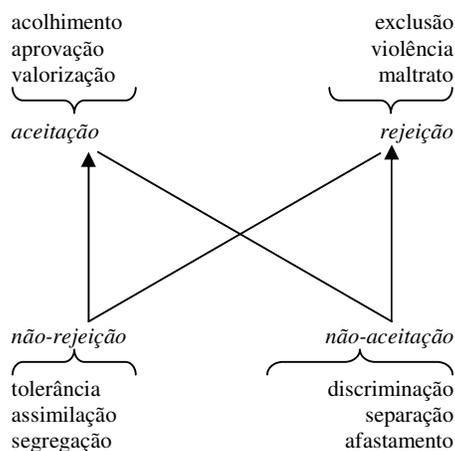


Figura 2 – Adaptada de Modesto, E. (2010)

As paixões de “não benquerer” e de “malquerer” podem levar o sujeito a cometer atos intolerantes de “não aceitação” e de “rejeição”. As paixões de “não malquerer” e de “benquerer” podem levar a atos tolerantes de “não rejeição” e de “aceitação”. Da mesma forma que as paixões de malquerer se intensificam, as paixões de benquerer partem de uma aceitação ainda preconceituosa de “tolerância”, passando a uma “aceitação com aprovação” até chegar a uma “aceitação com valorização”. Portanto, paixões tolerantes como a “conformação”, vista como o menor grau possível de aceitação, ainda podem levar o sujeito a cometer atos de “não aceitação”.

Partimos do princípio pelo qual cada uma das palavras da metalinguagem ocupa uma posição valorativa diferente nos discursos, além de recobrir uma extensão e adquirir intensidade significativa, maior ou menor.

Propomos, no escopo da teoria semiótica, que a paixão do preconceito, paixão fundada na “frustração”, tenha a possibilidade de atingir todos os tipos de estágios passionais, com exceção do estágio das “paixões do benquerer”.

Desse modo, neste trabalho, assumimos, que, por hipótese: o preconceito é a fase passional da intolerância; a intolerância é a fase acional do preconceito.

Consideraremos a “conformação”, uma paixão de “não malquerer”, como uma paixão de aceitação contida, uma aceitação sem aprovação:

Mãe – *Ela é minha filha, é assim. Eu fiz tudo o que podia para que ela mudasse. Não posso fazer mais nada a não ser aceitar* (GPH presencial, 07/06/2009).

O “desinteresse” e a “indiferença” também são paixões de “não malquerer”, mas seu sentido de “eu não estou nem aí” as deixa como paixões mornas, com pouca tensão. No entanto, no exemplo a seguir, mais do que “indiferença”, percebe-se a “amargura”:

Mãe – *Eu larguei de mão. Aceito o modo dele viver, mas ele lá eu cá. Eu cuído da minha vida e ele cuida da dele... Assim foi o melhor pra nós [...]* (GPH virtual, 08/09/2010).

A verdadeira aceitação aprova o outro e, no grau maior de aceitação, o sujeito, além de aprovar o outro, o valoriza:

Mãe – *Ele é o meu melhor filho, o meu orgulho. É o mais inteligente e carinhoso, foi um presente e Deus pra mim [...]* (GPH virtual, 25/11/2009).

Assim, podemos ter a aceitação como um ato de benquerer em graus: “aceitação conformada”, “aceitação com aprovação” e “aceitação com valorização”.

Os sujeitos (mães) dos depoimentos do nosso *corpus*, no início do percurso de rejeição/aceitação, são tomados pelas paixões de “decepção”, “insatisfação” e “frustração”: a “decepção” é pela traição da qual se sentem alvo – uma “falta fiduciária” ou “crise de confiança” –, quando percebem que o simulacro de contrato de que seriam heterossexuais, estabelecido com seus filhos, foi rompido; a “frustração”, “descontentamento” (tristeza, amargura etc.) é pela perda dos objetos de valor, “falta objetal”, objetos de valor e/ou percursos narrativos sonhados, relacionados a serem mães de filhos heterossexuais, que vão ficar noivos, casar, lhes dar noras/genros, netos, por exemplo.

Malquerer aos homossexuais vs. benquerer ao filho



percursos passionais

O “contentamento” pela conjunção com os objetos de valor desencadeia as paixões “alegria”, “confiança”, “afeto”, “amor” e “orgulho”.

2. Descoberta: o acontecimento inesperado

Segundo Greimas e Fontanille em “Semiótica das paixões” (1993, p. 23), as paixões relacionadas à descoberta, como a “admiração”, a “surpresa”, o “espanto”, o “estupor”, sugerem a possibilidade de um horizonte tensivo ainda não-polarizado em euforia/disforia. Isso se explica porque a concepção semiótica de narrativa está relacionada às transformações de estados, realizadas pelo fazer transformador de um sujeito que age sobre o mundo ou com os estabelecimentos e rupturas de contratos entre destinatador e destinatário, dos quais depende a comunicação entre sujeitos. Com a “descoberta”, a busca de sentidos pelo sujeito fica alterada pela “parada”, em razão do acontecimento inesperado.

No seguinte exemplo, a mãe quer retroceder no tempo para apagar o acontecimento e recomeçar:

Mãe – *Eu me desesperei e pensei no meu filho voltar para a minha barriga, para podermos começar tudo de novo...* (Modesto, 2008, p. 88).

Depois do acontecimento, inicia-se, muitas vezes, um longo percurso passional. A volta à rotina do cotidiano, então, só será alcançada no final do “processo de aceitação” ou do “processo de rejeição” do(a) filho(a) homossexual pela mãe.

rotina → descoberta – acontecimento inesperado →
devir das tensões afetivas → rotina

Há um choque entre o malquerer aos homossexuais vs. benquerer ao filho, que resulta em percursos passionais.

Por exemplo:

Mãe 1 – *Eu nunca imaginei uma coisa dessas... Eu não esperava isso. Quando soube, fiquei paralisada! Ele é meu filho, eu o amo... Mas, ele tem de mudar esse pensamento... eu estou definhando, vou acabar morrendo* (Modesto, 2008, p. 70).

Os tempos verbais organizam-se em torno do “eu”, mãe, narrador. Há um marco temporal, pretérito perfeito 1 (Fiorin, 1996, p. 152), que marca uma relação de anterioridade entre o momento da “descoberta”, *uma coisa dessas*, e o momento de referência presente. Em relação ao presente, há um desejo para o futuro – *mudar esse pensamento* – e à “descoberta”, no passado: *estar definhando. Eu vou acabar morrendo* tem um momento de referência futuro ao ato extensivo de definir, enfraquecer-se, pouco a pouco.

Além disso, temos recursos de manipulação cruzada: vimos que, como actantes destinadores, “filhos” manipulam “mães” pela “intimidação” usando a morte para serem aceitos homossexuais. Assim como eles, “mães”, agora no papel de destinadoras, igualmente manipulam os filhos, para que sejam heterossexuais, intimidando-os com doenças e morte: *ele tem de mudar esse pensamento... Eu estou definhando, vou acabar morrendo... Em fiquei paralisada!*, caracteriza-se figurativamente a passividade, a “parada”, isto é, há a impossibilidade de mudanças narrativas em razão de conflitos modais, do estado de paixão.

No exemplo a seguir:

Mãe 2 – *Ela estava estudando com a melhor amiga... Amiga de infância, filha de uma vizinha... Eu entrei no quarto dela pra levar o lanche, e vi as duas... Fiquei paralisada, não conseguia falar nada. Quase derrubei a bandeja no chão... Foi o pior dia da minha vida!* (Modesto, 2008, p. 71).

Vemos como a surpresa do inesperado pode nos levar ao não significado, pois a paixão pode nos paralisar as possibilidades de transformações narrativas em razão dos conflitos modais que afetam o ser do sujeito: *Fiquei paralisada, não conseguia falar nada. Quase derrubei a bandeja no chão.* E o julgamento

final: *Foi o pior dia da minha vida!*, veredicto que fecha um programa narrativo de fracasso. Essa afirmação avaliativa, *pior dia*, reforça, com a intensidade do adjetivo superlativo “pior”, a decepção da quebra do contrato simulado pelo qual a filha deveria ser heterossexual e as tensões decorrentes do sentimento de falta.

O contraste entre o ato de “levar o lanche para as duas”, um ato de carinho, e a decepção surpreendente enfatizam a intensidade passional da disjunção inesperada sujeito/objeto e do antagonismo, que se inicia ali, sujeito/antissujeito (mãe/filha).

No nível discursivo, em *quase derrubei a bandeja*, há um estímulo visual sugestivo para caracterizar o estado passional de completo aturdimento pela “surpresa” do “acontecimento”.

Os discursos apresentados demonstram o espanto das mães, em sua forma aspectual incoativa e pontual. Por exemplo: *Fiquei paralisada, não conseguia falar nada...* Em português, temos uma palavra que traduz bem isso: a mãe ficou “embasbacada”, em função da intensidade do sentir.

A tonalização excessiva⁴ causou a contensão tensiva, momento em que o tempo da ação e da gradação tensiva se manteve em suspenso, caracterizando um estado passional pleno, marcado pelo estatismo. Por um tempo, não há o desdobramento da paixão em nenhum tipo de ação, que daria a possibilidade de liberação da contensão do fluxo tensivo.

A tensão da descoberta é regida pela temporalidade, resultando num recrudescimento; depois numa atenuação, abrandamento. Na descoberta da homossexualidade de um filho, a intensidade é alta, a temporalidade é breve e o espaço é limitado (geralmente dentro de uma sala, de um quarto), caracterizando o “acontecimento” extraordinário.

3. Principais efeitos passionais da descoberta

⁴ O embasamento teórico, para as considerações relacionadas à Semiótica tensiva, veio principalmente de Fontanille e Zilberberg (2001) e de Zilberberg (2006).

Há efeitos passionais decorrentes da “descoberta atenuada”, mais extensa, e da “descoberta pontualizada”, mais intensa.

O “acontecimento inesperado” marca a ruptura do contrato simulado, entre mãe e filho, pelo qual ele seria heterossexual e isso causa decepção. “Decepção”, pela proposta da semiótica, é uma paixão advinda de uma esperança malograda, algo que esperávamos e que não se realizou. Construir a configuração passional da “decepção” é procurar o embasamento “semionarrativo” de um universo passional e considerar a sua colocação em discurso. Assim, tentamos entender como se articulam as diversas instâncias que apareceram no estudo da “decepção”, da “frustração” e de suas configurações passionais.

A mãe sabe que não é mãe de um heterossexual (*saber não-ser*); a mãe sabe que dificilmente ela poderá ser mãe de um heterossexual (*não poder ser*). Esse saber leva, por um lado, à decepção com o filho por ele ter rompido o simulacro de contrato pelo qual ele seria heterossexual; por outro lado, a mãe está frustrada porque perdeu valores: netos, noras, genros e o reconhecimento social. Dessa forma, a mãe insiste em ser mãe de um heterossexual, porque se sente no direito disso, quer e sente ter a obrigação disso, perante ela mesma e a sociedade (*dever-ser*).

Os efeitos passionais decorrentes da descoberta das mães são muito semelhantes às paixões de autodescoberta dos filhos. Vamos ter, geralmente, o mesmo percurso básico:

- A “espera”, com as paixões de “insegurança”, “inquietação”.
- percurso da “insatisfação, frustração e a decepção”.
- A tensão maior do “desespero”.

Conforme vimos, as duas esperas, de objeto valor (simples e fiduciária) e, entre elas, o “descontentamento”, permitem tratar separadamente da falta de objeto de valor e da falta fiduciária ou “crise de confiança”.

Greimas (1981, p. 16-19) considera o “descontentamento” como um pivô passional, pois é o aspecto terminativo do PN de não conjunção do sujeito com o seu objeto de valor. De acordo com o semiótico, a “insatisfação” pode se atenuar e

transformar-se pouco a pouco em “resignação”. Por outro lado, a “insatisfação” também está ao lado do aspecto incoativo que corresponde ao estado disjuntivo no plano narrativo e é susceptível de se transformar num “sentimento de falta”. Assim, a partir do “descontentamento”, podem se abrir dois caminhos: um caminho de atenuação da tensão e levar à “resignação”, “conformação” e um caminho de crescimento da tensão que leva a ações de resolução do “sentimento de falta”.

4. O excedente passional e o desespero, a obsessão e a obstinação

Greimas e Fontanille (1993, p. 62), num exemplo sobre a “impulsividade”, nos falam de um excedente passional, além do universo modal, que caracteriza as paixões. De acordo com os pesquisadores, há paixões que regem e patemizam a competência modal, além de assegurar sua atualização. “Tudo se passa como se, nesse caso, o excedente modal permitisse prever a aparição concomitante do /querer/ e do /poder/ e garantisse de algum modo a passagem do preconceito, uma paixão, ao ato de intolerância”. Imaginamos que esse “excedente modal” seja explicado pela tensividade que se apresenta contida ora na liberação tensiva dessa contensão, ora fluindo.

A “obstinação” das mães em não aceitar a homossexualidade dos/as filhos/as confirma e exemplifica a posição dos pesquisadores:

Mãe – Eu não quero mudar de ideia. Eu não aceito isso, não aceito. Ninguém vai fazer a minha cabeça. Eu sei que isso não é certo. Ele é meu filho e eu o amo, mas não vou aceitar nunca! Eu não vou aceitar e pronto! (GPH – por telefone, gravado e transcrito em 14/01/2010).

A mãe age por impulso. De acordo com Greimas e Fontanille (1993, p. 63-67), essa “impulsividade” pode ser traduzida como uma espécie de associação entre “querer-fazer” e “poder-fazer”, uma “maneira de fazer”. Ela não quer aceitar e o seu “pátrio poder” lhe dá a possibilidade (o poder-fazer) de agir por impulso. A mãe quer continuar no caminho que traçou, mesmo que haja obstáculos: Eu não aceito isso, não aceito. Eu sei que isso não é certo, e antes: Ele é meu filho e o

amo... No discurso também há uma patente ambiguidade e um paradoxo.

Vemos a ambiguidade quando o ator “mãe” figurativiza dois actantes: 1) o destinador-julgador, que jamais vai aceitar o filho homossexual, em: Eu não aceito isso, não aceito. Ninguém vai fazer a minha cabeça, aquele que sancionará o filho negativamente para sempre, e a si mesma como mãe. 2) O destinador-julgador, que se autorreprova por essa avaliação negativa, em: Eu sei que isso não é certo. Ele é meu filho...

Nesse discurso, percebe-se que o paradoxo está em que o amor, que ela diz sentir pelo filho, deveria impossibilitar essa não aceitação para todo o sempre. Mas a “obstinação” não é um simples querer-fazer, ela constitui-se também por uma modalização do ser. Se fosse somente um querer-fazer, o amor pelo filho faria com que a mãe abandonasse o percurso da rejeição, mas ela insiste nessa performance. A “obstinação” vem antes do conflito. Aventamos a hipótese de que a “obstinação” seja resultado de uma contensão da tensividade que, em seguida à liberação da contensão, explode em ações repetidas: ao mesmo tempo em que a mãe sabe da impossibilidade de não aceitá-lo – porque ele é seu filho e ela o ama –, a mesma mãe não abre mão de rejeitá-lo, mesmo percebendo que isso não faz sentido. E a “obstinação” é a paixão que advém dessa confrontação paradoxal (relações de não conformidade entre categorias modais).

De acordo com os autores citados acima, o excedente modal regente da “obstinação” é que garante o não abandono da empreitada. É também esse excedente modal “que nos obriga a formular o dispositivo passional em termos de “organização modal do ser”, e não em termos de competência em vista do fazer. A “obstinação” é uma paixão, de acordo com os semioticistas, que acumula paradoxos: um querer-fazer que sobrevive a um não-poder-fazer, que lhe serve até de reforço. Sugerimos que a “obsessão” acumule um querer-ser que sobrevive a um não-poder-ser. Esses dois segmentos sintáticos, um da sintaxe modal do fazer e o outro da sintaxe passional (do ser), ao mesmo tempo que autônomos, são articulados um ao outro e manifestam uma forma aspectual do “continuar”, “resistir”, num “estilo semiótico graças ao qual o devir permanece aberto” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 63-64).

Fontanille (2007, p. 209) nos fala da intensidade e quantidade, as determinações modais da paixão. De acordo com ele, nossas representações mais comuns da afetividade nos demonstram a intensidade como uma energia sem controle. A extensão e a quantidade são desprezadas. Entretanto, concluímos pela análise que a quantidade e tamanho são importantes no processo passional, quando introduzem a aspectualidade que gera a “obstinação”, a “obsessão” e a diferença entre as duas paixões. A quantidade diz respeito ao sujeito, quando se trata dele se recobrar, “juntar os pedaços”, como se diz comumente, e, ao objeto, quando o número é relevante significativamente. A quantidade também diz respeito ao desdobramento no espaço e no tempo.

Os exemplos a seguir são algumas das mensagens de uma mesma mãe, de 01/02/2010 a 08/02/2010. Ela escrevia para o grupo de mães várias vezes por dia, obstinadamente. Esses discursos demonstram o excessivo número de ocorrências, com uma frequência insistente (ver dia e horário), no mesmo papel de vítima inconsolável, na mesma atitude passional de desespero.

01/02/2010 – 23:56h

Eu queria, mas eu não posso, não posso ainda, meu coração, minha alma, minha cabeça não estão prontos... Fui falar com o meu diretor... sentei na frente dele e disse que não tinha condições e fazer o meu trabalho, porque vivia o pior momento da minha vida, e desatei num choro tão grande, mas tão grande que ele levou um susto, deve ter pensado meu Deus essa pessoa vai morrer aqui na minha frente.

03/02/2010 – 15:49h

Pra mim, não entra na minha cabeça, porque pra minha cabeça, nesse momento, diz que meu filho tá no caminho errado, ele não conseguirá ser feliz assim. Deus que tortura!!!! [...] E eu aqui nessa moleza, nessa falta de concentração, nessa escuridão, nessa falta de paz dentro de mim que me faz só pensar nisso, só nisso... Meu Deus, eu não vou aguentar!!! Eu quero ir pra casa, deitar na minha cama e olhar o teto, e ficar bem quieta no escuro...

04/02/2010 – 09:53h

Eu deixo a foto dele virada de costas pra não olhar Só tem essa, porque as outras fotos dele que tinha

pela casa eu quebrei em cima dele quando soube. Daí alguém vai lá e vira a foto, eu vou lá e desviro a foto, que pecado, mas até olhar pra cara dele que tá tão feliz na foto, me dá um pânico, me dá vontade de socar ele (eu nunca bati nele, aliás em nenhum filho, mas se tivesse coragem, hoje batia até ele cair.) Eu tenho medo de mim. Agora estou no meu escritório, eu preciso dar conta do trabalho, mas queria era colocar esses processos todos numa fogueira e cair nela junto com todos esses papéis...

04/02/2010 – 12:43h

Que agonia. [...] Meu Senhor da Glória, eu estou querendo morrer a cada dia... Quando penso, hoje vou estar um pouco melhor, eu fico sempre um pouco pior Hoje se eu estivesse com o meu filho aqui eu o espancaria até ele cair, juro. Penso em não dizer mais isso, em não pensar mais nisso, mas, amigas, eu estou sem chão, eu to sem vida, eu estou infinitamente infeliz.

04/02/2010 – 13:02h

Eu estou hoje no pior dos meus dias, desde aquele maldito 13 de outubro do ano passado Não sei explicar, Mas essa dor vem, essa dor vai, e essa dor está me matando... Fiz uma quebradeira na minha cozinha, agora a pouco [...] Meu Deus por que me abandonou assim? Eu penso o que Deus me reserva depois????

Hoje eu não sei mais rezar. Eu estou tão dilacerada, eu estou sem norte, eu estou sem chão, sem vida, sem Deus no coração, eu só chamo a morte e ela não vem.

04/02/2010 – 13:11h

Eu sabia que hoje o dia não ia ser fácil, quando eu fiquei andando pela casa de madrugada e olhando pela janela. Aí eu fui na minha cozinha e quebrei o que o que vi pela frente. Hoje, tem uma coisa dentro de mim que parece coisa do além (eu nem acredito nisso) mas parece que hoje eu não vou me recompor nunca mais!!! Tadinho do meu filho... Eu não posso fazer nada por ele agora E poderei quando? No fundo, eu quero morrer, hoje eu acordei assim, pior do que ontem, eu hoje to péssima, fiquei andando de madrugada pela casa, olhando para fora da janela, esperando um milagre. Eu pensei em trazer ele pra cá estudar esse ano... não posso fazer isso a escola não tem o mesmo

nível de uma capital Também não posso fazer isso, temos que nossa vida será um inferno, eu não conseguiria olhar para ele todos os dias. Nesse momento eu não gosto mais dele. Eu tenho de aprender a gostar dele de novo, eu só não sei como se faz pra gostar de um filho outra vez.

06/02/2010 – 20:02h

Não dá pra ficar assim, eu estou me enganando aqui, eu não vou dar conta disso. Acho que baixou um santo em mim agora Ah, meu Senhor! Eu não merecia isso... Eu já nem quero saber se o meu filho merecia isso.

Ah, se ele ficasse por lá, juro que gostaria, nesse momento eu gostaria que ele não voltasse. Eu vou pra frente, eu volto. Quando eu penso que pronto, acabou [...] qdo eu vejo desmoronei. E quando me sinto assim, vem uma vontade de enganar ele de não acreditar que ele procurou isso. Não, esse não é o meu filho, não pode ser o meu filho que eu amei tanto, que eu brinquei, que eu contei histórias, que eu ensinei a ler antes que ele fosse à escola, que eu cantei pra dormir, que eu levava pra todo lugar, feliz e orgulhosa dele. Não, esse não é o meu menino. Ah, senhor que agonia!!! Que vida essa nossa, de todas nós mães, acredito ainda que isso é verdade... Eu, eu, eu, sempre eu. Mas é assim que sinto: eu sem filho.

08/02/2010 – 18:31h

Eu não aceito e pronto!!!

Você disse que entende e até já aceita. Eu não. Eu to longe disso, bem longe... Um dia eu acordo e penso “bom, já passou, eu estou pronta pra aceitar e estou com vergonha da raiva que tive dele”... No outro dia eu acordo e esqueço de tudo isso, que estou pronta

Estou pronta nada. Estou em pedaços Eu quero meu filho de volta.

Ah, eu magoei tanto o meu filho... Eu disse coisas muito feias, muito duras. Eu não cuspi nele, só avancei, mas não muito, pq ele é bem maior do que eu e meu marido socorreu ele. Eu disse que eu não queria que ele convivesse com o irmão, disse que ele não fazia mais parte da nossa vida, foi o mesmo que expulsar ele de casa, não é???

Não pensava na hora “isso é preconceito. Que preconceito, o que... pensava sim “xxx vc é um fdp”. Quando saí pela casa quebrando todas as fotos dele, eu

ia quebrando e dizendo “Ah eu odeio você, xxx”. [...] Eu não estou podendo com mais nada. Meu Deus, eu chamo Deus o dia todos, fiquei mais feia (não que eu fosse a miss da cidade) mas to feia, mal arrumada, chorando o dia todo, igual agora, escrevo e choro, do nada, meus olhos se enchem de água, é assim o dia todo, não me controlo, mas se falarem um tiquinho assim do meu filho, eu vou estar lá, com um estilingue na mão para atacar em quem não o deixar em paz.

Mas não sou como vocês, já deu pra perceber? Um dia vou ser???? Quem saberá a resposta? O tempo? O meu amor? A revisão dos meus conceitos?

Mais do que obstinada, essa mãe está obcecada, alucinada, desvairada. Por isso, percebe-se uma total desorganização modal do ser: ela quer, ela não quer; ela sabe, ela não sabe; ela crê, ela não crê; ela ama e odeia ao mesmo tempo. Ela insiste nessa atitude oscilando entre o amor e o ódio, obtendo no limite uma saturação temporal que não deixa lugar a nenhum outro papel, a nenhum outro estado afetivo além de um fazer obstinado e a uma “ideia fixa” (obcecada).

Aqui, a “quantidade” diz respeito ao número de ocorrências, e a combinação da duração e do número de ocorrências (extensão) forma o ritmo passional da repetição.

A mãe – muito confusa entre o amor que transparece sob a culpa em: Ah, eu magoei tanto o meu filho, e o desatino do ódio no fazer passional de Quando saí pela casa quebrando todas as fotos dele, eu ia quebrando e dizendo “Ah eu odeio você, xxx” –, é extremamente redundante, repete-se indefinidamente. No papel actancial de Destinador, ela focaliza apenas aspectos negativos do sujeito (seu filho), demonstrando “decepção”, “raiva”, “ódio”, “desgosto” e “amargura”.

A “identidade” do sujeito mãe torna-se incoerente, pois seus papéis são incompatíveis. Funciona como se o actante sujeito (mãe) tivesse se desdobrado. Mas é um desdobramento sentido como um /não-poder/ assumir uma única posição. Ela diz: nesse momento, eu não gosto mais dele... Mas também diz: mas se falarem um tiquinho assim do meu filho, eu vou estar lá, com um estilingue na mão para atacar em quem não o deixar em paz.

Por outro lado, a “identidade” do filho, para a mãe, também parece ter se desdobrado. Há dois filhos, o de antes de outubro, heterossexual, e o de depois de outubro, homossexual. A mãe rejeita o filho de depois

de outubro e o compara com o filho de antes de outubro, demonstrando seu estranhamento com a mudança:

Não, esse não é o meu filho, não pode ser o meu xxx que eu amei tanto, que eu brinquei, que eu contei histórias, que eu ensinei a ler antes que ele fosse à escola, que eu cantei pra dormir, que eu levava pra todo lugar, feliz e orgulhosa dele. [...]

A “raiva”, paixão dessa mãe pelo filho, gerencia duas dimensões incompatíveis: de um lado a intensidade das explosões que a mãe expressa como um “todo” e, do outro, a extensão (duração e quantidade) das medidas de represália a adotar ou adotadas, mas sempre atenuadas de alguma maneira: eu disse coisas muito feias, muito duras, diz ela, demonstrando culpa; Eu não cuspi nele, só avancei, mas não muito, pq ele é bem maior do que eu... disse ela, atenuando os atos intolerantes; Eu pensei nele vir para cá, mas..., demonstrando seu desejo momentâneo de aceitar.

Os constituintes modais da identidade do sujeito mãe são invocados no discurso: Eu não aceito e pronto!!! (A mãe não quer); Eu não estou podendo com mais nada. (A mãe não pode); Não sou como vocês, já deu pra perceber? Um dia vou ser???? (A mãe não crê ser como as outras mães, mas gostaria de ser); Quem saberá a resposta? (A mãe quer saber como aceitar seu filho).

O sujeito apaixonado descreve seu sofrimento. A explosão emocional do discurso vai culminar numa ação de revolta. O “eu” sofreu uma perda importante, cuja consequência é estar dilacerada; estar “sem norte”; “sem chão”; “sem vida”; “sem Deus no coração”. Do ponto de vista tensivo, trata-se de uma “parada”. Mas além de insinuar a “parada”, metonimicamente há um movimento progressivo e cadenciado das perdas com rima (eu estou sem norte, eu estou sem chão, sem vida, sem Deus no coração...), atuando para o aumento da tensão emocional. A tensão progride até o seu limite: “eu só chamo a morte e ela não vem”.

Esse é um discurso que prima pelo excesso, na expressão e no conteúdo. Por exemplo, a perda deixa o enunciador em frangalhos, desnorteado, desequilibrado e sem fé.

O sentido da perda inicial abala o emocional do enunciador (mãe), e sua evolução levaria à ruptura

causada pelo “desespero”. Por isso, há uma continuação da “parada”, como defesa. O conteúdo do discurso é a apresentação de um estado passional e, como todos, ele apresenta “um movimento para...”. Em “eu só chamo a morte e ela não vem” está uma contensão desse movimento, fazendo com que o discurso traga em si, concomitantemente, a continuidade e a descontinuidade.

Logo depois do “acontecimento inesperado”, o ser do sujeito encontra-se fora de controle. Ele está entre o ser organizado de antes do acontecimento e o ser desorganizado de depois dele. O sujeito prefere a continuidade desse estado passional de agora do que enfrentar algo que lhe é desconhecido. Por isso, ele cultiva a desaceleração do processo, tornando-se incompetente: “sem norte”, “sem chão”, “sem vida”.

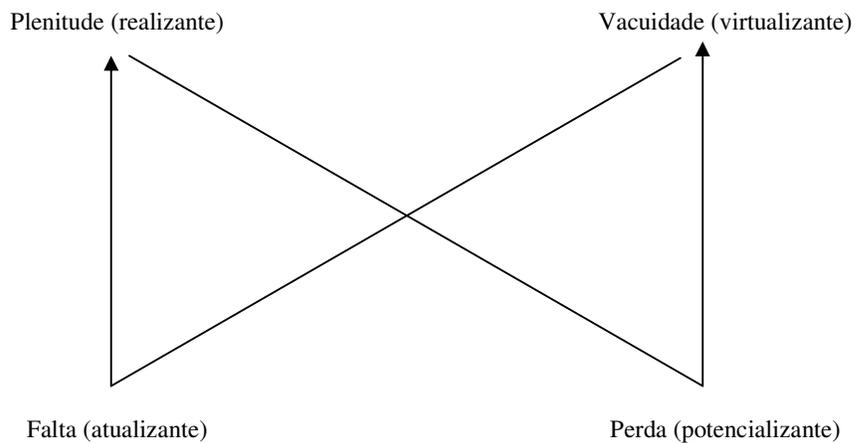


Figura 3 – Adaptada de Tatit, 2002, p. 138.

Considerando o quadrado (figura 3) que articula os modos de existência proposto por Greimas e Fontanille em “Semiótica das Paixões, com alterações em “Tensão e Significação” (1993, p. 52 e 2001, p. 134), e com a modificação proposta por Tatit (2001, p. 138), vemos que o sujeito nesse discurso, entre a falta e a perda, até a *vacuidade*, lança mão da hipérbole para simular um estado de *vacuidade*, a menor densidade existencial que um sujeito pode experimentar dentro de seu percurso existencial.

Ao modo do parecer, o enunciador (mãe) se projeta no texto como quem sofreu um processo de esvaziamento modal e emocional e encontra-se perdida, sem coragem, sem nenhum saber, nem querer, e o único resquício de desejo é o de morrer. Ela faz parecer que está em estado de inanição total.

No nível discursivo, chamam a nossa atenção as escolhas discursivas da função predicativa narrativa relacionada à noção de ser: “*sem rumo, sem norte, sem chão, sem vida, sem Deus*”. É um processo de não-ser, de uma continuidade iterativa de tematização centrada

na função de ser despossuído de tudo. O sujeito ainda consegue pedir socorro, mas não é atendido: *eu só chamo a morte e ela não vem*. No discurso em exame, vimos que um sujeito em condição de *vacuidade* existencial entra no nível narrativo apartado de seus valores, de suas modalidades.

No exemplo, a mãe é “obstinada”, porque quer um filho heterossexual, embora saiba da impossibilidade, e não quer um filho homossexual, porque sabe das dificuldades que isso acarreta para ele, mas, principalmente, para ela. A mãe teme que a homossexualidade do filho seja irreversível, mesmo assim ela o quer heterossexual. Ela orienta-se por um projeto de “fazer”, embora o dispositivo modal da paixão “obsessão” seja constituído por modalizações do “ser”: ela é obcecada.

No entanto, somente um /querer-fazer/, ou mesmo um /dever-fazer/, não bastaria para explicar a insistência dessa mãe nesse fazer, apesar dos obstáculos. De acordo com Greimas e Fontanille (1993, p. 63), é o “excedente modal” regente que garante a

insistência na *performance* (apesar das dificuldades), nesse exemplo, num ritmo passional repetitivo e orientado ao máximo – uma maior intensidade e menor extensão –, que caracteriza, mais do que a “obstinação”, a “obsessão”. Como se diria popularmente, “o obstinado” tem “uma grande força de vontade”; o “obcecado” “só pensa naquilo”.

Dizem Greimas e Fontanille (1993, p. 64):

[...] está claro que as modalizações do ser próprias da configuração passional não são diretamente as modalizações da competência para fazer, mas constituem-se mais numa “representação”, numa “imagem virtual”, isto é, num simulacro; no que chamamos o simulacro passional da obstinação, o obstinado quer “ser aquele que faz”, o que não equivale a “ele quer fazer”.

Examinando a organização sintática das modalidades expostas acima, vemos que as confrontações traduzem incompatibilidades e elas apontam para contradições internas do sujeito. A mãe quer ser aquela que rejeita o filho homossexual, o que não significa que ela quer rejeitá-lo; a mãe quer ser aquela que odeia o filho, mas isso não significa que ela quer odiá-lo. Greimas e Fontanille (1993, p. 67-68) nos falam de dois tipos de conflitos modais: as contradições internas podem ser do tipo “paradoxal”, se a modalidade regente for afetada pelas outras; as contradições internas podem ser do tipo “conflitual”, se a modalidade regente não for afetada pelas outras. A “obstinação” e a “obsessão” são resultados de um paradoxo modal. Aliás, todo o percurso gerativo da aceitação das mães é paradoxal, como se vê no exemplo:

Filho (21 anos) – [...] *Eu sou o único filho que dá carinho a ela. Minha mãe está infeliz e a única alegria que ela tem sou eu (palavras dela). Agora, ela está OBSECADA por mim (palavras de amiga nossa). Ela acaba com a minha vida ao impedir que eu tenha uma vida. Para vocês terem uma ideia, ontem eu saí e em menos de 30 minutos ela me ligou mais de 20 vezes! É muito difícil viver desse jeito! Eu não consigo sair de casa sem ter de enfrentá-la e tenho de ficar ouvindo que eu sou um péssimo filho, que sou mentiroso...* [...] (GPH virtual, 14/11/2011).

O /dever/ e /querer/ do “obstinado” e do “obsessivo” tornou-se por causa do saber sobre a dificuldade, sobre a impossibilidade – por exemplo, de o filho se tornar heterossexual –, um “dever e querer resistentes”. Quanto maior o obstáculo, quanto mais for impossível ultrapassá-lo, paradoxalmente, mais o sujeito obsessivo/obstinado irá atrás.

Já o /dever/ e o /querer/ do “desesperado” não muda por causa do saber da impossibilidade. O desespero comporta um dispositivo modal de tipo “conflitual”, em que o /dever-ser/ e /querer-ser/, por um lado, e o /saber-não-ser/ e /não-poder-ser/, de outro, convivem, sem se modificarem reciprocamente. São universos modais incompatíveis, são duas identidades modais independentes, a do “fracasso” e da “frustração”, por um lado, e da “confiança” e “expectativa”, de outro. Elas se contradizem; se contrariam, “provocando a ruptura interna do sujeito” (Greimas e Fontanille, 1993, p. 67-68).

Tanto a mãe desesperada, quanto a mãe obsessiva e a obstinada estão em conflito. Mas, se para a mãe desesperada, o conflito não tem esperança de solução, para a mãe obsessiva e obstinada, o conflito se resolve pela escolha do sujeito do querer, o que supõe modificações, adaptações das modalidades *dever-ser* e */saber-não ser/* e */não poder-ser/* em presença. A mãe obsessiva e a obstinada, apesar de estarem em conflito, paradoxalmente, têm conhecimento das dificuldades e esse saber estimula o seu sentimento de /dever/ e /querer/. As modalizações pressupostas produzem ou nutrem as modalizações pressupostas, mesmo que regidas pela não-conformidade (Greimas e Fontanille, 1993, p. 66). Isso ocorre porque há obstáculos, mas essa mãe se torna teimosa e insistente na sua resistência.

Como exemplo: da emoção da descoberta aos sentimentos experimentados pela mãe no processo; à medida que a extensão temporal aumentava, a intensidade deveria ter diminuído. Entretanto, no caso da “obsessão” e “obstinação”, a repetição não acarreta a diminuição da intensidade, pelo contrário, a duração da obsessão é uma indicação de maior tensão, de uma grande potência afetiva.

Como vemos em:

Mãe – [...] *Mas não sou como vocês, já deu pra perceber? Um dia vou ser???? Quem saberá a resposta? O tempo? O meu amor? A revisão dos meus conceitos?*

Conclusão

Neste artigo, propusemos que a paixão do preconceito, fundada na “frustração”, tem a possibilidade de atingir todos os tipos de estágios passionais, com exceção do estágio das “paixões de benquerer”.

Demonstramos, também, como o sentimento da falta – mais especificamente, a falta de ter um filho heterossexual – dispara paixões de “não benquerer” e de “malquerer” que, nos sujeitos modalizados pelo /poder-fazer/ mal e pelo /querer-fazer/ mal, levam a atos intolerantes.

Também tentamos mostrar a paixão do “preconceito”, desenvolvendo em sujeitos, figurativizados como mães, as paixões do “desespero”, da “obstinação” (mais relacionada ao fazer) e da “obsessão” (mais relacionada ao ser), com resultados discursivos surpreendentes.

Aparentemente, as paixões da “obsessão” e “obstinação” teriam um efeito, possivelmente tão ou mais negativo para a resolução do conflito entre mães e filhos, do que a paixão do “desespero”, mas não é o que a análise semiótica dos discursos nos revelou.

Como comentamos, da emoção da descoberta aos sentimentos experimentados pela mãe durante o percurso narrativo, à medida que a extensão temporal aumentava, esperava-se que a intensidade fosse diminuindo. Porém, no caso da “obstinação” e “obsessão”, não se vê isso. Pelo contrário, vê-se o aumento da tensão provocada pelo amor, que o sujeito (mãe) sente por seu filho. Tanto a “obstinação” como a “obsessão” são configurações⁵ passionais de natureza aspectual. Elas possuem embasamento semionarrativo e discursivo de um universo passional e remetem a um estilo semiótico favorável ao desdobramento do devir, ao contrário da paixão do “desespero”.

Enquanto o desespero é uma paixão de quem não tem saída, as paixões da “obstinação” e “obsessão” dão uma esperança de conciliação, entreabrem uma porta para o futuro. ●

Referências

- Barros, Diana
1988. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual.
- Fiorin, José Luiz
1996. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática.
- Fontanille, Jacques; Zilberberg, Claude
2001. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas, FFLCH- USP.
- Fontanille, Jacques; Greimas, Algirdas Julien
1993. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática.
- Fontanille, Jacques
2007. *Semiótica do discurso*. Tradução de Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto.
- Greimas Algirdas Julien
1981. De la colère. Études de sémantique lexicale. *Actes Sémiotiques*. Documents, Paris III (27).
- Landowski, Eric
1992. *A sociedade refletida: ensaios semióticos*. São Paulo: EDUC/Pontes.
- Modesto, Edith
2008. *Mãe sempre sabe? Mitos e Verdades sobre pais e seus filhos homossexuais*. Rio de Janeiro: Record.
- Modesto, Edith
2010. *Homossexualidade: preconceito e intolerância – Análise semiótica de depoimentos*. Tese (doutorado em Semiótica e Linguística Geral), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Tatit, Luiz
2001. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Zilberberg, Claude
2006. *Eléments de grammaire tensive*. Limoges: Pulim,.

⁵ Ver sobre “configurações” em Barros, (1988, p. 115-124).

Dados para indexação em língua estrangeira

Modesto, Edith

Prejudice and intolerance: some considerations on obstinacy and obsession

Estudos Semióticos, vol. 8, n. 1 (2012), p. 11-24

ISSN 1980-4016

Abstract: *This paper discusses the construction of heterosexual mothers' rejection and/or acceptance discourses with respect to the homosexuality of their offspring, as well as the resulting passionnal trajectories of the mother and offspring bond, both themes developed in our PhD thesis. Our active participation in a parental LGB support group, GPH – Grupo de Pais de Homossexuais, allows for the assumption that mothers face difficulty in accepting their children's homosexuality. Considering the conflicting relationship established in the disclosure and process of acceptance of their offspring's sexual orientation and in search of its resulting passions, gays' and lesbians' mothers' presential and non-presential testimonies were analyzed. Based on the discursive interpretations and appreciations conveyed, the enunciations built a narrator (mother) who established the point of view of a discursive observer. From this corpus, the type of semiotic interaction taking place between mothers and their offspring was studied. For this, we privileged the analysis of passionnal configurations related to prejudice and intolerance, besides others, hypothetically assumed as typical of this trajectory, such as despair, obstinacy, and obsession, all of which passionnal, thematic and figurative configurations which link the enunciations and the social and discursive formations available. Finally, we pointed out and exemplified the semiotic difference in the recurring passions in the testimonies: despair, obstinacy, and obsession.*

Keywords: *passions, prejudice, despair, obstinacy, obsession*

Como citar este artigo

Modesto, Edith. Preconceito e intolerância: considerações sobre a obstinação e a obsessão. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/dl/semiologica/es>). Editores responsáveis: Franciso E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 8, Número 1, São Paulo, junho de 2012, p. 11-24. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 17/11/2011

Data de sua aprovação: 14/05/2012
